

VASP - a empresa aérea que melhor conhece o Brasil.

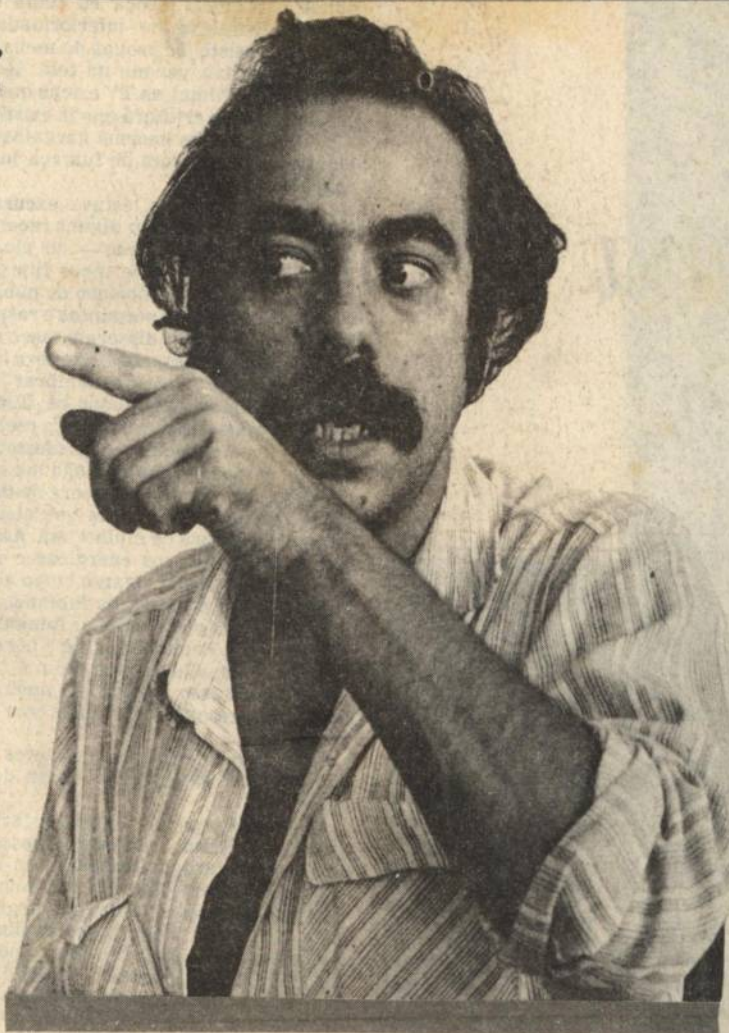
Brincar é 142 a saída

JOANA ANGELICA

Quem pretende ir ver a mostra do cartunista Mollica, no foyer do Museu de Arte Moderna, e que se prolongará até o dia 31, não espere uma exposição estática do que se costuma chamar "os mais recentes trabalhos do artista". Claro, ela tem desenhos, pinturas, esculturas, fotografias e até um painel todo em branco, sobre um chão coberto de jornais, e tendo próximos uma escada, um rolo de pintura e uma lata de tinta. O painel é assinado por um tal de Zé Mané, e o autor lhe deu o nome de "Homenagem ao pintor desconhecido, ou perspectivas de abertura de um espaço ideológico".

Tudo isso, no entanto, são apenas "representações bidimensionais da realidade", não é ainda toda a exposição. Complicado? De jeito nenhum. Mollica diz: "Essas coisas abrem o espaço onde eu vou jogar capoeira". Sim, porque tem capoeira, sem hora marcada, a depender do dia. Ele conclui: "Entro com meu corpo na jogada, atuando sobre o chão enquanto represento na parede. Sacou?". Mollica se define:

— Homo sapiens, não. Homo ludens.



Difícil é conseguir segurar o Mollica, fazê-lo parar quieto e dar a entrevista. Chegou atrasado e ainda tem que tirar os quadros do carro, a exposição será inaugurada no dia seguinte. Finalmente ele se senta, bem comportado, numa salinha do terceiro andar do MAM.

— A exposição se chama "¿ Brincas comeu brinco?". Ponto de interrogação invertido no início, como em espanhol. E tem o subtítulo: "Um manifesto lúdico-bestialógico". Sabe que começou quase de brincadeira? Eu estava há um ano contratado como desenhista de jornal. Aí percebi que muitas coisas ligadas à minha formação arquitetônica e artística — portanto, em nível de três dimensões, e também plástico — não podiam ser transmitidas de maneira total através do desenho de imprensa.

— Formação arquitetônica?

— Pois é, terminei o curso em 1969. Neste ponto quero fazer uma denúncia. Falta à formação arquitetônica uma visão ao nível do espaço real, isto é, falta a reportagem. Isto é grave, porque se pressupõe que o arquiteto irá trabalhar a três dimensões. Durante o curso, fui a campo muito poucas vezes. Via filmes, lia livros, o professor desenhava no quadro, eu mesmo acabava transportando aquilo tudo só para o papel. Quando trabalhava em três dimensões, era sempre numa maquete, uma coisa reduzida. Em nenhum momento o curso me possibilitou trabalhar na escala do ser humano. No fim, me deu um desajuste, porque não dava para atuar honestamente com o que eu sabia. Aí, em 71, veio uma fantástica oportunidade: o convite de Regina Váter para trabalhar com ela, como construtor, nos carros alegóricos da Mangueira.

A concepção artística, que iria ser de Regina, acabou sendo do próprio Mollica. Ela fez a pintura dos carros.

— Apresentei o projeto antes e Regina aceitou. Me orgulho desse trabalho porque é um projeto de arquitetura que anda. Pelo menos, andou alguns quilômetros.

Sua segunda experiência como arquiteto foi a de co-autor do projeto da Praça Municipal de Macaé, como animador. Fez a parte de lazer, dentro da idéia de transpor para a praça o terreno baldio, alegria das crianças do interior. Apresento-a de forma inteiramente pictórica, em dois grandes desenhos, sem precisar exatamente as medidas.

— Dei uma imagem. Depois disso, tive uma fase completamente indiferenciada. Até que fiz um desenho de humor. Daí fui lançado como cartunista e consegui atuar em praticamente todos os jornais do Rio. A fase mais efetiva foi justamente a do GLOBO, onde fiquei um ano.

Mollica afirma pretender continuar como desenhista de imprensa, "colaborando em revistas e jornais do mundo inteiro". Já vendeu uma história em quadrinhos para a França e, há três anos, preparou uma série pedida pela revista alemã "Pardon". Não a mandou ainda por preguiça de ir até o correio. Tem desenhos publicados na "Enciclopédia latino-americana de humor" (de uma editora colombiana), na "Antologia brasileira de humor" (editora LPM, de Porto Alegre) e no livro "Novos humoristas do Pasquim".

Duas vezes convidado especial do Salão de Humor de Brasília, também participou do de Piracicaba e da Mostra do Quadrinho Brasileiro, no MAM no Rio. Atualmente, trabalhos seus percorrem o Brasil numa exposição coletiva sobre ecologia, promovida pela Maison de France. "¿ Brincas comeu brinco? é sua primeira mostra individual.

— Mollica, você acha possível se definir? Cartunista, arquiteto, simplesmente artista, uma soma disso tudo?

— Ou um ou outro, tanto faz. Mas essa exposição tem uma definição mais importante. Porque tem capoeira, que é o início e o fim, o fechamento de tudo. A partir da capoeira, eu me defino assim: "No fundo, eu sou apenas uma besta". Eu me descobri como desenhista e arquiteto a partir do meu corpo.

Ele fala da nossa formação européia, de repressão aos sentidos, que resulta num desconhecimento da realidade. Da arte voltada apenas para a representação dessa realidade, e não para uma atuação sobre ela.

— Eu procuro partir do fundo dos meus instintos, dos meus hormônios. Tentaram me fazer esquecer isso, mas não conseguiram. Sou *homo ludens*, muito mais do que *homo sapiens*. Claro, essa coisa dos instintos não é sempre, mas principalmente. A gente precisa descobrir que a jogada está é no corpo, na sensação, e a cultura popular é o norte, a bússola, o rumo. Daí a importância da capoeira. Ela não é só uma manifestação folclórica, uma luta, como muitos vêem. A capoeira se liga a um processo de harmonização do indivíduo, é uma preciosidade cultural e educacional, que deveria ser incluída como elemento básico em toda a nossa formação, do jardim de infância à pós-graduação.

— Vamos votar ao início? Ao conjunto da exposição?

— Ela tem uma estrutura que permite passar de duas dimensões para três. Ou seja: de desenhos para painéis. Dimensões transadas como duas e funcionando como elemento para a formação de três. A partir de uma diferenciação especulativa, em nível conceitual e formal, chego a dois símbolos fundamentais, dois arquétipos culturais: um busto masculino de terno e gravata, numa série que chamo de "Jornal Nacional", e uma pélvis feminina de tanga, "Desejo cotidiano". Esses símbolos são representados em duas esculturas douradas em *papier maché*, num desenho de duas faces intitulado "Um ego: moeda corrente" e, ainda, sob a forma de pinturas. Estas formam duas séries confrontadas que "abrem" — e não, fecham — o espaço onde jogo capoeira. Sobre minha cabeça, diferentes faixas de pano onde estão escritas algumas propostas ligeiramente indecorosas, semelhantes aos títulos da exposição.